

OS CABO-VERDIANOS E A MORTE

UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA ATRAVÉS DA LITERATURA DE FICÇÃO

Margarida Maria de Menezes Ferreira Miranda Fernandes

Apresentam-se aqui alguns dos resultados do trabalho de investigação desenvolvido no âmbito de um projecto financiado, no quadro do Programa de Inserção de Mestre e Doutores, da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Programa Praxis XXI – Medida 4, em colaboração com o Instituto de Investigação Científica Tropical, que têm como tema de fundo a *Atitude dos Cabo-verdianos perante a morte – Uma abordagem através da literatura de ficção*.

Esta comunicação refere-se, em particular, à noção de “má morte” ilustrada aqui pela morte num contexto de crise provocada por calamidades naturais; por oposição à “boa morte”, a morte natural que permite uma ritualização adequada.

A temática da morte na literatura Cabo-verdiana de ficção

Entende-se a obra literária como um objecto cultural. Partindo deste pressuposto, um autor de ficção, inserido num dado contexto geográfico, político, económico, social e cultural, por nascimento ou por opção, reflecte, quase inevitavelmente, esse mesmo contexto.

A literatura de ficção corresponde a um discurso, de entre os muitos discursos possíveis, sobre uma qualquer realidade. Trata-se do discurso de uma elite letrada, dos que escrevem, descrevem e interpretam,¹ aquilo que os rodeia. Mas, sendo um discurso de elite não é, necessariamente, elitista. No caso da literatura de ficção caboverdiana, as temáticas recorrentes na literatura de ficção surgem igualmente na literatura oral e nos poemas musicados nos vários estilos da música popular caboverdiana – nas mornas, nas coladeras, nos funanás e nas “finaçons”² de batuques.

No caso da literatura de ficção Caboverdiana imperam as temáticas locais. A par da emigração, talvez o grande tema dos escritores Caboverdianos, a temática da morte – e, particularmente, a mortandade provocada pelas secas – é recorrente. Associado a estes temas e, de certo modo, cristalizando-os, a saudade ocupa também um lugar destacado.

Teixeira de Sousa apresenta uma relação das temáticas mais marcantes na literatura Caboverdiana de ficção. Helder, o escritor de *Djunga* lamenta que “(...) escrito que não leve quatro dúzias de Nhôs e Nhás, que não contenha catástrofes naturais, partida para a terra distante, não é literatura legal”³ e avança a necessidade de encontrar alternativas

“(...) Precisamente devido a esse marasmo, urgia espenicar os nervos do leitor com uma história de quinhentas páginas tensas, sem fome, sem vento leste, sem seca, sem gafanhotos, sem bicho preto, sem mar, sem a evocação do colonialismo, pela procura de nova temática entre a humanidade local. (...)”⁴

À opção pelas temáticas relevantes no quotidiano de Cabo Verde não será de todo alheia a uma afirmação de identidade nacional e cultural que encontrou na literatura uma forma de se expressar.

A reivindicação da caboverdianidade manifesta-se de forma evidente através dos movimentos literários entre quais de destaca o

¹ Trata-se, efectivamente, de uma interpretação de culturas no sentido Geertziano. (Cf. Geertz, 1973)

² Ver Kodé di Dona, Guida Mendi e Bibina Kabral, por exemplo.

³ Teixeira de Sousa, 1990:17

⁴ Teixeira de Sousa, 1990:41

movimento associado à revista *Claridade* (fundada em 1936). Recorrendo ainda à mesma fonte:

“O movimento de 1936 descobriu as asperezas, os rumores, os cheiros, o isolamento oceânico, a ânsia de partir, o desespero das secas, da fome, da sede, descobriu esta prisão sem grades que são as ilhas de Cabo Verde. A seguir veio outra geração que descobriu o social, o económico, o colonialismo, sem se desarticular da *Claridade*,(...)”⁵

As várias obras de autores Caboverdianos consultadas,⁶ abrangendo os diversos períodos, centram as suas narrativas na vivência de várias ilhas e descrevem episódios de uma forma realista, como se de cronistas se tratasse, de tal modo que é possível pô-las em paralelo com relatos de informantes. A liberdade do ficcionista não atropela, inevitavelmente, os factos registados nos documentos oficiais ou noutras fontes primárias e relatados por vários investigadores com os quais, frequentemente, coincidem. A construção do social que nos é transmitida através da ficção espregueia a realidade e utiliza-a como fonte de inspiração. Ao debruçar-se sobre a realidade envolvente o autor de ficção analisa-a e dá-lhe uma dimensão emotiva – leia-se: mais humana – normalmente ausente dos relatos oficiais. A literatura de ficção é também uma fonte para o antropólogo que dela recolhe elementos etnográficos, com carácter descritivo, analisa as circunstâncias da produção da obra escrita e as motivações do autor, na busca de elementos culturais que lhe permitam uma melhor compreensão da sociedade estudada.

As “crises” em Cabo Verde

Situada a 455 Km da costa ocidental de África, o arquipélago de Cabo Verde consiste em 10 ilhas com uma superfície total de 4033 quilómetros quadrados. Santiago é a maior ilha do arquipélago tanto

⁵ Teixeira de Sousa, 1990:273

⁶ Embora alguns autores não sejam naturais de Cabo Verde a sua inclusão é legitimada pelo conteúdo das suas obras. José Evaristo d’Almeida é considerado o autor do primeiro romance caboverdiano. No caso de Manuel Ferreira, a sua obra dedica-se quase exclusivamente a Cabo Verde, (exceptuam-se *Grei* e *A Casa dos Motas*) Quanto a Isabel Barreno, o *Senhor das Ilhas* relata a história de uma família em Cabo Verde.

em área como em população sendo ainda a ilha onde se situa a capital do país, a cidade da Praia.

O arquipélago está dividido em dois grandes grupos, Barlavento⁷ e Sotavento,⁸ sendo as ilhas deste último as mais próximas da costa africana e, na sua generalidade, mais áridas que as do primeiras.

As influências culturais distribuem-se diversamente pelas ilhas e se a influência portuguesa e a tradição cristã estão presentes em todas elas a influência africana é particularmente notória na ilha de Santiago.

Devido à sua localização geográfica (prolongamento do Sahel) e a factores climático, em larga medida associados a essa mesma localização⁹ as secas, “conhecidas desde os primórdios da colonização (1462)”,¹⁰ são frequentes no arquipélago.¹¹

A característica climática mais temida, e cujos efeitos se apresentam como mais devastadores, é, sem dúvida, o harmatão ou vento leste, também conhecido por lestada.¹² São ventos originários do continente africano, mais precisamente do Saara, causadores de vendavais devastadores e de seca prolongada. Em *Ilhéu de Contenda*, cuja acção decorre na Ilha do Fogo, Teixeira de Sousa descreve os efeitos de um vendaval:

“Quando clareou o dia, a lestada já havia amainado. Eusébio saiu a averiguar os estragos. A verdura que na véspera cobria as achadas, os cutelos, as ribeiras, transformou-se da noite para o amanhecer num emaranhado de hastes e folhas ardidas. O milheiral que tanto prometia, as faquetas arremangadas prometendo fartura, encontravam-se agora alastrados no chão, de mistura com as cordas de aboboreira e caules de feijoeiro. As árvores pareciam aves depenadas, os galhos contorcendo-se de desespero. O vento leste queimara tudo. Nada, positivamente nada, restava com o viço da véspera.”¹³

⁷ Ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia (desabitada) S. Nicolau, Sal e Boavista.

⁸ Ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava.

⁹ Cf. Amaral, 1964 e também Semedo e Turano, 1997

¹⁰ Semedo e Turano, 1997:31.

¹¹ Cf. Miranda, 1985:23.

¹² Veja-se uma descrição dos efeitos devastadores do harmatão em Teixeira de Sousa, 1983:209-217.

¹³ Teixeira de Sousa, 1983:215

As secas não são as únicas causas das crises no arquipélago de Cabo Verde. As “águas” (chuvas), por vezes torrenciais, provocam enxurradas que arrastam para o mar os esqueléticos solos aráveis e podem provocar, elas próprias, como que por ironia, situações de crise. Nas palavras de Teixeira de Sousa “(...) Se chovia, morria-se afogado; se não chovia, morria-se de fome.(...)”¹⁴

A falta de capacidade de armazenamento de água e de retenção dos solos impede que esta situação seja controlada por acção humana. O escoamento deficiente das águas das chuvas provoca por vezes epidemias de disenteria, cólera e de outras doenças associadas à falta de saneamento básico.

António Carreira, que muito contribuiu para um melhor conhecimento das ilhas, dá-nos conta da fragilidade ecológica de Cabo Verde do processo complexo e acelerado de

“Degradação do ambiente climático: notória irregularidade das chuvas; avançado processo de erosão das terras provocado pelas enxurradas (quando chove) e pela acção dos ventos, facilitada pela ausência de cobertura vegetal do solo (desarborização progressiva). Do fenómeno tem resultado a perda das melhores camadas de terra, arrastadas para o mar ou pelo desnudamento das encostas e montes devido às fortes ventanias em certos períodos do ano.”¹⁵

Para este panorama pouco animador contribuem, ainda, outros elementos relevantes: a utilização de lenha como combustível e o número elevado de cabras.

Outras epidemias assolaram as ilhas, por vezes concomitantemente com as crises provocadas pelas secas. Se nos reportarmos à Ilha do Fogo nos primeiros anos deste século verifica-se uma crise alimentar devido à seca, uma praga de gafanhotos, e uma epidemia de varíola. Entre Abril e Julho de 1901 morreram cerca de 1.500 pessoas – em 1900 a população total do arquipélago era de 147.000 pessoas – na sua maioria devido à epidemia de varíola que também atingiu outras ilhas.¹⁶

¹⁴ Teixeira de Sousa, 1987:142

¹⁵ Carreira 1977:62

¹⁶ Cf. Carreira, 1984[1977]: 45/6

A carência alimentar pode também ser causada, ou agravada, por pragas de gafanhotos e de outros insectos que causam estragos consideráveis nas culturas. Num Boletim Oficial de 1895, relativo à Ilha de Maio dá-se conta das proporções desta praga: uma “Invasão da ilha por enormes nuvens de gafanhotos, o povo convocado, apanhava de 80 a 100 quilos por dia”¹⁷ No caso da Ilha de Santo Antão os mil-pés são predadores residentes e insaciáveis, invencíveis e imparáveis.¹⁸

A fragilidade ecológica e a falta de meios para contrariar os desígnios da natureza, bem como a escassez de outros recursos naturais e económicos, agravam o impacto das crises.

As “crises” provocavam também alterações profundas na distribuição da propriedade e no tecido social. Cito, como exemplo, Semedo e Turano

“As terras mudavam de dono no fim de cada período de seca. Os pequenos proprietários vendiam as suas parcelas para conseguirem meios de escapar à fome ou para emigrarem. Muitos dos grandes proprietários levavam uma vida luxuosa que os conduziu à miséria deixando miseráveis descendentes que engrossavam a massa de candidatos à emigração ou de rendeiros dos que compravam as terras dos seus pais.”¹⁹

Particularmente viva na memória do povo está a fome de 1947, pela mortandade que provocou e pelo desinteresse das autoridades portuguesas que não agiram atempadamente de modo a evitar a catástrofe. A intervenção das entidades oficiais para debelar as crises é por vezes apontada, nem sempre pela negativa, já que uma actuação mais atempada e adequada permitiu minorar os efeitos da seca de 1883/86 e de 1959/60.²⁰

As alternativas à fome surgem como pouco aliciantes e quase sempre implicavam sair da ilha, ou mesmo do arquipélago, em busca de sobrevivência. Os trabalhos públicos,²¹ que eram mandados insti-

¹⁷ Citado por Carreira, 1984[1977]:30

¹⁸ Cf. Horácio Soares, do Instituto Nacional de Investigação Agrária de Cabo Verde em comunicação apresentada em Lisboa, na Associação dos Antigos Alunos do Liceu Gil Eanes de S. Vicente, em Julho de 1996

¹⁹ Semedo e Turano, 1997:53.

²⁰ Cf. Miranda, 1985.

²¹ Denominados “frentes de trabalho” visavam a construção de estradas, caminhos, e

tuir, a transferência de pessoas para outras ilhas do arquipélago ou para outros pontos do então império colonial português – em especial, os contratos para as roças de São Tomé – e a distribuição de alimentos foram escassos para minorar os efeitos da crise.

Morrer de Fome

O drama das secas e das fomes é central em duas conhecidas obras de ficção caboverdianas – *Famintos*, de Luís Romano, e *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes – mas quem percorrer a literatura de ficção caboverdiana encontrará relatos das fomes ou referências a elas quase sem excepção. Esta insistência de realidades marcantes revelam a forma como está gravada na memória do povo.

O número de mortes provocadas pelas secas revela bem as dimensões catastróficas das crises numa população dispersa e reduzida. Segundo Isabel Barreno

“Tinham vindo entretanto grandes secas, grandes fomes. Começaram por volta de 1830, e duraram até 1834. Nenhum outro período de fomes anteriores matara tanta gente nas ilhas, calcula-se que morreram durante esses anos trinta e três mil e seiscentas pessoas, das quais quatro mil eram escravos.”²²

Entre 1900 e 1947 estima-se que morreram 82 mil pessoas. António Carreira refere que “Em todo este período a taxa de mortalidade pela fome, nas fases mais agudas, rondou os 17,6% a 22,4%, em relação à população recenseada!”²³(Ver anexos 2, 3 e 4). Nas palavras de Manuel Ferreira, “(...) A morte colectiva, A morte anónima. Morto morrido.”²⁴

pontes e “(...)deveriam consumir mais braços do que material” Teixeira de Sousa, 1983:239.

²² Barreno, 1998[1994]:265.

²³ Carreira, 1984[1977]:10

²⁴ Ferreira, (1967[1948]):33. Em português, e em particular no contexto alentejano, expressão “morto morrido” ou “morte morrida” opõe-se a “morte matada”. Aplica-se, normalmente, aos animais. No primeiro caso o animal morre de “morte natural”, de doença, sem intervenção humana e a carcaça é dada como imprópria e destruída. A “morte matada” implica a morte provocada, normalmente para consumo. A título de curiosidade, e ainda no contexto do Alentejo, a pele de um animal que morreu de “morte morrida” não serve para ser usada em instrumentos de percussão.

As medidas de assistência, fosse ela estatal, promovida pelas igrejas ou por particulares, era escassa para acudir a tantas bocas famintas. As mortes, por disenteria e outras doenças – ou por fome, pura e simples – atingiam tais proporções que já não era possível dar um enterro digno à maior parte das pessoas. Aqueles que ainda podiam, iam carregando os corpos para os enterrar em covas pouco profundas – que os cães e as aves de rapina desenterravam – ou para os lançar pelas arribas. “As famílias não possuíam meios, nem forças físicas para fazer transportar os seus parentes falecidos.”²⁵ A partir do momento em que deixava de haver quem lhes fizesse um enterro digno da sua condição humana, muitos dos famintos que morriam pelos caminhos jaziam insepultos.²⁶

A fome implica não raras vezes o afrouxamento dos laços de solidariedade e a alteração das regras de conduta moral e social.²⁷ A situação de fome obriga à marginalidade: roubos, prostituição, e violência.²⁸ Teixeira de Sousa dá-nos conta deste drama: “Acabara-se tudo, a amizade, a vergonha, só havia a raiva da fome.”²⁹

Confrontada com a escassez de mantimentos, a população recorre a fontes de “alimentação” que incluíam tudo aquilo que parecesse remotamente comestível. “E foi então que o povo do interior da ilha [da Boavista] se lembrou da potona”³⁰ O consumo de plantas impróprias, por seu lado, tinha consequências nefastas ““(…) a mais gente morria como de peste pelas ervas e sevandilhas que comiam””³¹ Nessas circunstâncias “Raízes, ervas, tudo era comida.”³²

A situação mais extrema em tempos de fome são os casos de antropofagia que, no mundo real, segundo Miranda, as autoridades

²⁵ Carreira, 1985:22

²⁶ Cf. Mariano, s.d.; Romano, 1962, Lopes, 1991[1960], Carreira, 1985:22/3.

²⁷ A tese da quebra total de moralidade e de solidariedade em situações de fome e miséria é levada a extremos na obra de Turnbull sobre os Ik do Uganda (Ver Turnbull, 1989[1973]).

²⁸ Vd. Carreira, 1984[1977]:18

²⁹ Teixeira de Sousa, 1998[1972]:58

³⁰ Almeida, 1994:221. “A potona é um pequeno tubérculo as duas anteriores [jêjê e janglna] são gramíneas. Tudo isso com pouco valor nutritivo.” Carreira, 1984 [1977]:34

³¹ Padre Barreira, ânua de 1611, citado por Carreira, 1984[1977]:17/8

³² Ferreira, 1985[1967]:56

tiveram que punir nas secas de 1773-76.³³ Na literatura de ficção, Gabriel Mariano, relata o caso de Luzia

“(...) da Fajã de Baixo. Um dia saiu para a Vila com seu filho nas costas. Não tinha botado comida no corpo passava mais de uma semana. Andou, andou (...) cada vez podendo menos. Quando chegou na Assomada do Vento sentou-se para descansar. Tirou o filho das costas. O filho estava morto. Luzia não o enterrou. Ninguém viu o corpo do menino. Luzia tinha fome. Só ficaram os ossos...”³⁴

A convivência com o macabro não causa, naturalmente, insensibilidade perante a morte. A indignidade de morrer de fome é ainda recordada com angústia e horror pelos mais velhos.

Fome – castigo de Deus

As “crises”, seja o que for que as provoque, são vistas como um castigo divino (alternativamente, mas com menos frequência como obra do diabo). As consequências desta punição celeste podem ser várias sendo as mais temidas a indignidade da fome e da morte. As gentes, alvo da ira divina, espiam assim os pecados do mundo (não necessariamente os próprios pecados). “Deus mandara a fome para os castigar, e quanto mais ódio mais anos de seca teriam ainda de suportar.”³⁵

Nhô André, um dos personagens de *Ilhéu de Contenda*, guarda numa das propriedades de Nhô Eusébio explica a lógica dos céus: “Os senhores sabem, a gente estava carregada de pecados, e então Deus mandou as secas dos anos passados para nos castigar. Morreu muita criatura, está certo, mas foi também para partir um pouco de pecado neste mundo.”³⁶

Esta visão do Deus que castiga ou recompensa, mais ou menos aleatoriamente é consistente com a religiosidade de inspiração cristã, maioritariamente católica, que predomina entre o povo caboverdiano. Um dos personagens de Onésimo Silveira esclarece que “(...) a chuva

³³ Cf. Miranda, 1985:23

³⁴ Mariano, s.d.:97

³⁵ Teixeira de Sousa, 1998[1972]:60

³⁶ Teixeira de Sousa, 1983:151.

ainda não caiu porque Nossenhora anda muito zangado com os pecadores, que não fazem nenhum caso das Escrituras nos anos em que ele manda a fartura da sua misericórdia.”³⁷

No início da estação das chuvas fazem-se os preparativos para o ano agrícola e muitos “semeiam em pó”. Esperam-se sinais de que as chuvas estão para chegar. “Esta madrugada vi a estrela de Alva a sair mesmo do fundo da Cova-Tina. É um sinal sagrado. A estrela está prometendo uma tina de água.”³⁸ ou sinais contrários “Por acaso não era bom sinal de chuva estar assim tão nítida a Via Láctea.”³⁹

Fazem-se promessas à Virgem e aos Santos e roga-se-lhes que mandem chuva. Teixeira de Sousa dá conta dessa fé no divino

“Como Nossa Senhora do Socorro não havia outra igual. Era raro não corresponder a uma súplica desde que justa e fervorosa. (...) numa aflição de doença, de desastre iminente, de pragas ou de falta de chuva ela acudia quase sempre. Os campos andam ressequidos, Senhora. Sobre eles chorai a vossa bondade...”⁴⁰

Deus, apaziguado, por intervenção da Virgem, mandará chuva e boas colheitas.

“Eram onze da noite quando a chuva começou a rufar nos telhados com relâmpagos chicoteando o negrume, trovões rolando por cima da ilha [do Fogo]. (...) Preces a Nossa Senhora soltaram dos terços. (...) Aquilo não eram gotas. Eram jorros de generosidade que a Santa mandara debangar sobre o chão ressequido.

(...)

– Nossa Senhora do Socorro, assim não, assim é demais – gritou nha Dibija de mãos postas para o céu.

(...)

Nossa Senhora chorava abundância para cima dos pecadores.”⁴¹

A reposição da normalidade reflecte assim o apaziguamento da ira divina e a remissão dos pecados. Ninguém pode questionar os desíg-

³⁷ Silveira, 1991:214/5.

³⁸ Teixeira de Sousa, 1998[1972]:13

³⁹ Teixeira de Sousa, 1998[1972]:66

⁴⁰ Teixeira de Sousa, 1992:15

⁴¹ Teixeira de Sousa, 1992:24

nios de um Deus que escreve direito por linhas tortas. O mesmo Deus que castiga os pecadores transforma-se no Deus misericordioso que lhes dá o sustento.

O ideal da boa morte

As fomes dos anos 40 (1941–1942 e 1946–1947), e o ideal da “boa morte” revelam sentimentos contraditórios no discurso dos cabo-verdianos mais idosos.

Uma “boa morte” ocorre na velhice e é “natural”, por oposição à morte “antes de tempo” na juventude ou provocada. A inevitabilidade da morte é reconhecida mas a morte deve ser preparada com antecedência pelo próprio indivíduo que ao chegar a uma idade relativamente avançada começa a fazer os preparativos: escolhe a mortalha, que mantém sempre pronta a ser utilizada; vai dando indicações a pessoas de família ou a amigos sobre a forma como gostaria que os rituais fúnebres decorressem, sobre o local onde gostaria de ser sepultado, etc.

Nas descrições dos rituais de morte ressalta o envolvimento da vizinhança e dos familiares. Só as crianças muito pequenas não participam nos rituais de morte, são afastadas da casa do defunto e entregues a alguém que cuide delas durante alguns dias. A ida ao primeiro enterro acontece naturalmente e faz parte de um processo de socialização que prepara o jovem para desempenhar adequadamente as funções que lhe serão exigidas ao longo da vida:

“Lembro-me muito bem do enterro de Ti Júlia. O primeiro a que fui autorizado a assistir, levado pela mão de Tio Tone que não só nunca faltava a um como defendia que desde cedo deveríamos ficar familiarizados com a ideia da morte porque era a única coisa que tínhamos garantida neste mundo”⁴²

Uma “boa morte” permite que sejam feitas as despedidas, expressas as últimas vontades, e recebidos os últimos sacramentos. “O moribundo deseja uma ‘boa morte’. Reúne os seus para bem dizer ou mal dizer. Morre em casa, na sua cama. A aldeia chora-o, e assegura que ele continuará a ser parte integrante do grupo.”⁴³ A morte é, para os

⁴² Almeida, 1984:37.

⁴³ Scardigli, 1983:213.

Caboverdianos, um acto social, colectivo que envolve aqueles que estão, física ou socialmente, próximos do defunto.

A necessidade de acudir ao moribundo mobiliza familiares e vizinhos que ficam de vela em casa do doente para dar apoio no que for necessário para lhe aliviar o sofrimento, fazendo mezinhas, virando-o na cama, amparando-o o melhor possível e rezando pelas suas melhoras e para que através da intervenção de anjos e santos Deus lhe perdoe os pecados.

Os cuidados com o moribundo incluem uma alimentação cuidada, a caldos, e preparativos de higiene ao mesmo tempo que se preparam as roupas para a mortalha. O defunto veste-se de branco – símbolo de pureza – para que se apresente imaculado perante Deus.

Na Ilha de Santiago como na ilha de S. Nicolau, quando se aproximam os últimos momentos de vida, os familiares e vizinhos que estão junto do defunto, “(...) Na impossibilidade da presença de um padre,⁴⁴ chamam um “curioso”, que saiba fazer-lhe a exortação”⁴⁵ para suavizar o sofrimento da alma nos últimos momentos e facilitar a sua passagem para o além. O indivíduo poderá, assim, morrer em paz consigo, com Deus e com o mundo.

Conclusão

A “boa morte” corresponde aos padrões ideais por oposição à “má morte”, que ocorre antes de tempo que é sempre entendida como uma morte provocada por acção humana ou sobrenatural.

A morte durante as secas altera temporariamente o equilíbrio social. Obriga à deslocação de muitas pessoas que deixam as suas terras em busca de sustento. Representa uma “má morte” colectiva que gera sentimentos de impotência generalizada face aos desígnios de uma força maior e incontornável. Uma impossibilidade de cumprir as obrigações de solidariedade leva à não observância das regras de conduta moral social.

A “boa morte” pelo contrário, apela à coesão do grupo, de que o defunto é parte integrante, e à solidariedade entre os indivíduos.

⁴⁴ A intervenção do padre é, frequentemente, adiada porque, na crença popular, os últimos sacramentos aceleram a morte.

⁴⁵ Filho, 1995:64.

Neste contexto, a conjugação da literatura de ficção com outras fontes históricas, contribui para uma abordagem da percepção da morte pelos cabo-verdianos e, em particular, no que diz respeito às mortandades causadas pelas secas, como paradigma da “má morte”, inscrita na memória colectiva de um povo

Bibliografia citada

- ALMEIDA, Germano (1994) *A Ilha Fantástica*, Lisboa, Caminho
- ALMEIDA, José Evaristo de (1989[1856]) *O Escravo*, Linda-a-Velha, ALAC
- AMARAL, Ilídio (1964) *Santiago de Cabo Verde: A Terra e os Homens*, Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa
- BARRENO, Maria Isabel (1998[1994]) *O Senhor das Ilhas*, Lisboa, Caminho
- CARREIRA, António (1977) *Cabo Verde: Classes Sociais, Estrutura Familiar, Migrações*, Lisboa, Ulmeiro
- CARREIRA, António (1984[1977]) *Cabo Verde: Aspectos Sociais, Secas e Fomes do Século XX*, Lisboa, Ulmeiro
- CARREIRA, António (1985) *Demografia Caboverdeana: Subsídios para o seu estudo (1807/1983)*, s.l., Instituto Caboverdiano do Livro
- FERREIRA, Manuel (1967[1948]) *Morna*, (2.^a edição reescrita) Lisboa, Início
- FERREIRA, Manuel (1985[1967]) *A Aventura Crioula*, (3.^a Edição), Lisboa, Plátano Editora
- GEERTZ, Clifford (1973) *Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books
- KODÉ DI DONA (1997) “Fomi 47 (a fome de 47)” in *Cap Vert*, (texto dos poemas do CD), Paris, Radio France
- LOPES FILHO, João (1995) *Cabo Verde: Retalhos do Quotidiano*, Lisboa, Caminho
- LOPES, Manuel (1991[1960]) *Os Flagelados do Vento Leste*, (3.^a Edição), Lisboa, Vega
- MARIANO, Gabriel (s.d.) *Vida e Morte de João Cabafume*, Lisboa, Vega
- MIRANDA, Nuno (1985) “As 'Crises' de Cabo Verde”, *História*, n.º 81, Julho, pp. 22-23
- ROMANO, LUÍS (1983[1962]) *Famintos*, Lisboa, Ulmeiro
- SCARDIGLI, Victor (1983) *La consoimnation: culture du quotidien*. Paris, Presses Universitaires de France
- SEMEDO, José Maria; TURANO, Maria R. (1997) *Cabo Verde: O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca*, Praia, Spleen Edições
- SILVA, Tomé Varela da (1990) *Ña Gida Mendi: Simenti di onti na con di manan*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco

- SILVA, T. V. da (Org.) (1988) *Ña Bibina Kabral: Bida y obra*, (com a colaboração de Horácio Santos e Alexandre Semedo), Praia, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco
- SILVEIRA, Onésimo (1991) *A Saga das As-Secas e das Graças de Nossenhora*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1983[1978]) *Ilhéu de Contenda*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1987) *Xaguete*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1990) *Djunga*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1992) *Na Ribeira de Deus*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TEIXEIRA DE SOUSA, Henrique (1998[1972]) *Contra Mar e Vento*, Mem Martins, Pub. Europa-América
- TURNBULL, Colin (1989[1973]) *The Mountain People*, Londres, Paladin.